

# MÁRIO DE CASTRO

MÁRIO DE CASTRO



*Mário de Castro  
teve média  
incrível: 195  
gols em cem jogos*

“Bastavam uns poucos momentos para que  
garantissem a vitória do seu Atlético.”  
Plínio Barreto

## O homem das chuteiras de ouro

**P**ode parecer ironia do destino: Mário de Castro sempre preferiu o basquete ao futebol. Não fazia ideia da glória que lhe estava reservada. Chegou aos gramados na segunda metade dos anos 1920, num tempo em que o esporte engatinhava no Brasil. Desde que calçou as chuteiras, ficou claro que se consagraria como um goleador fenomenal. A média de quase dois gols por partida no Atlético lhe conferia a condição de jogador singular. Tinha porte físico avantajado e, além da incrível capacidade de driblar, se colocava bem entre os zagueiros e explorava tanto o lado direito como o esquerdo do ataque.

É até difícil acreditar que abandonou a carreira aos 26 anos, em 1931, tendo sido artilheiro do Estadual em 1926 e 1927, além de 1929, quando estava no auge da forma e seu time simplesmente atropelava. A vida do jogador teve particularidades que escapam ao senso comum. A maior delas é de fato emblemática. Em 30 de abril de 1930, seria convocado para a seleção brasileira que iria à primeira Copa do Mundo, no Uruguai. Jamais um atleta que atuava por times mineiros havia sido chamado. Veio, porém, a surpresa. Ele declinou do convite. A recusa em se apresentar envolve duas versões: a primeira foi que se negava a ir para ser reserva do botafoguense Carvalho Leite, a outra foi que vinha de contusão no tornozelo não totalmente recuperado e enfrentava fase de provas finais na faculdade. O fato é

que nunca mais foi relacionado. Em seus depoimentos, ele alimentava ambas as histórias: “Mais importante para mim era a [faculdade de] medicina e, além do mais, não ia ser o titular. Titular seria o Carvalho Leite e eu não estava disposto a ser reserva.”

Esse espírito determinado e a incrível disposição de tomar o caminho menos provável reproduziam-se dentro das quatro linhas, transformando Mário de Castro num homem com a capacidade de mudar uma partida em poucos minutos. Não foram poucas as vezes em que simplesmente deixou de comparecer ao estádio. Mas se era para decidir... Em *Futebol no embalo da nostalgia*, Plínio Barreto, jornalista e pesquisador da história do esporte em Minas, observou: “Ele parecia não querer nada com o jogo, colocava as mãos na cintura e ficava parado nas imediações da área adversária. Mas bastavam uns poucos momentos para que garantisse a vitória do seu Atlético.”

**Média inacreditável.** Nas cem vezes em que entrou em campo, em contrapartida, balançou as redes adversárias nada menos que 195 (o que representa a incrível média de 1,95 por jogo), superado apenas por Dario (211) e Reinaldo (255). Em torno dele se construíram muitas histórias que o próprio jogador tratava de desfazer. “É exagero”, reagia, na menção a um confronto com o Bangu em que o Galo perdia por 1 a 0, no Estádio Antônio Carlos, em Lourdes. Ele “entrou no jogo” e fez três gols em poucos minutos. A lenda conta que, driblando quase todos os adversários, “escreveu seu nome em campo”. “É verdade que driblei alguns, mas não todos os jogadores do Bangu”, corrigia, se divertindo com a versão.

Ele foi descoberto por um jogador e diretor do Atlético, Ivo Mello, quando fazia um treino pelo maior rival da época, o América, decacampeão mineiro de 1916 a 1925. Chegou ali levado por um conterrâneo, Oswaldo Dantés. Recebeu chuteiras velhas que nem sequer cadarços tinham. Um arame fazia as vezes. Como o encanto dos dirigentes e do técnico Chico Neto foi imediato, ganhou pares novos no dia seguinte.

Morava numa pensão no Centro, na rua Carijós, e lá Ivo Mello foi visitá-lo. Encontrou-o doente e, diplomaticamente, cuidou de

garantir o tratamento do atleta. Com isso, acabou convencendo Mário de Castro a se transferir.

A fama de artilheiro já nos treinos arrastou uma multidão ao estádio na estreia, exatamente diante do América. O primeiro tempo pelo Estadual terminou empatado por 3 a 3, com um Mário de Castro apático. Veio o milagre de que era capaz. Em três jogadas fulminantes, costurando vários adversários, fez nada menos que três gols: 6 a 3. Em sete partidas, vinte. Em dois meses, já era festejado como o maior ídolo do futebol mineiro.

Sua participação garantiu a quebra de dez anos de hegemonia do América. “No primeiro turno, vencemos por 6 a 3. Fiz três gols. No retorno, foi 4 a 3, com mais três meus.” Naquele 1926, o time atleticano disputaria dezoito confrontos, com quatorze vitórias, três empates e uma única derrota. De 67 gols, trinta foram marcados por Mário de Castro – 20 deles em dez duelos no Mineiro. O ano seguinte seria ainda mais arrasador. Ao lado de Jairo e Said, o time alcançaria seu primeiro bicampeonato mineiro, numa campanha com dez vitórias, um empate e somente uma derrota. Na artilharia, ele: 27 gols.

**A maior goleada.** Foi exatamente naquela temporada do Estadual que o Atlético aplicaria sua maior goleada na história dos clássicos com o Cruzeiro. Contra um adversário ainda chamado Palestra Itália, em uniforme verde, um acachapante 9 a 2. Era 27 de novembro. O local, o Estádio do América, na avenida Paraopeba (hoje Augusto de Lima), no terreno que deu lugar ao Mercado Central. Said abriria a porteira aos 11 e aos 19 minutos do primeiro tempo, com Ninão descontando aos 22. Na segunda etapa, Said ampliaria aos 6, Mário de Castro faria aos 19 e 22, e Jairo, aos 24. Ninão marcaria um segundo, aos 28, mas Jairo reapareceria para o sétimo e oitavo, aos 32 e 35. Aos 37, Getúlio faria o nono gol.

O resultado daria desfecho a uma prosaica troca de telegramas entre os clubes, algo hoje impensável. “Dr. Moura Castro. Nome directoria felicito Athletico Mineiro brilhante victoria hoje. (a) Arcelus, secretário.” A resposta alvinegra foi no mesmo tom de amabilidade: “Palestra Itália.

Club Athletico Mineiro agradece gentileza telegrama felicitações victoria hontem e aperta affectuosamente a mão digno e leal adversário. (a) Moura Castro, presidente.”

Antes, em 4 de setembro, o alvinegro fazia o Villa Nova, então um rival tradicional, provar do que era capaz o Trio Maldito. Mário abriu o placar aos 4 minutos do primeiro tempo, mas viu o adversário empatar aos 30 e virar aos 40. Tratou de igualar na abertura da segunda fase, e, logo aos 7, o Leão do Bonfim pulava de novo na frente. O craque comandou a reação ao dar um passe açucarado para Getulinho fazer o 3 a 3, aos 13 minutos. Achavam que estava acabado? Que nada! Aos 26, outra vez ele para colocar o Galo na dianteira. Said ampliaria aos 38, e os donos da casa descontariam aos 42. O 5 a 4 foi um triunfo tão exaltado que em torno dele se construiu uma versão extra, a de que o alvinegro havia reagido a um 4 a 1 a 20 minutos do fim.

Na inauguração do Estádio Antônio Carlos, diante do Corinthians, em 30 de maio de 1929, também brilhou: fez três gols na vitória por 4 a 2. O bicampeão paulista havia saído na frente, com Valeriano.

Foi dia de festa na cidade. Nem a chuva intensa afastou a multidão do espetáculo. Com população estimada em 40 mil habitantes, mais de 10 por cento deles (pelo menos 5 mil) faziam parte da plateia, com outros milhares do lado externo para saudar a novidade erguida no alto da colina de Lourdes, fora do eixo central da capital mineira, então com seus 31 anos. Por volta das 15 horas, num gramado ainda pesado, a placa de inauguração foi descerrada e um grupo de torcedoras entrou com uma bandeira de seda e cantou o primeiro hino do clube, de 1928. O Atlético do duelo histórico jogou com Osvaldo; Chiquinho e Binga; Cordeiro, Brant e Ivo; Dalmy, Said, Jairo, Mário de Castro e Geraldino. Os visitantes atuaram com Tuffy; Grané e Del Debbio; Nerino, Amendoin e Bastos; Aparício, Peres, Valeriano, Rato e De Maria.





*Estudante de medicina, Mário usou o apelido Orion, em 1928, para esconder da família a atividade no futebol*

**Topando qualquer duelo.** A fama nacional tinha vindo em 1928, num amistoso da seleção mineira contra o Bangu, que virou o primeiro tempo vencendo por 1 a 0. Na etapa final, um Mário de Castro que ninguém segurava conseguiu marcar nada menos que sete vezes. “Eu apostava com qualquer um o número de gols que eu faria numa partida e nunca perdi.”

Os cariocas, já irritados com a desfeita sobre a seleção brasileira, colocaram ainda mais lenha na fogueira, pondo em dúvida

a genialidade de Mário de Castro. “Se fosse tão bom quanto dizem, não teria recusado a convocação.” A provocação mexeu com os brios do Atlético, que marcou um duelo com o Botafogo, time de Carvalho Leite e pivô da polêmica. Em 30 de agosto de 1930, frente a frente em Belo Horizonte, um 0 a 0 no primeiro tempo e, no segundo, de novo ele para fazer a diferença: três gols de Mário de Castro, garantindo o 3 a 2 para o Galo. Na revanche no Rio de Janeiro, um 6 a 3 para os cariocas. Somados os confrontos, na briga particular, o goleador atleticano fez cinco gols, contra três de Carvalho Leite.

Sobre o convite dos cartolas, ele foi taxativo. “Eu não quero a seleção.” Assim, o diamantinense Carlos Brant, que atuava como zagueiro e volante, se tornaria o primeiro atleta de um time mineiro a integrar o selecionado brasileiro, embora o jogador do Atlético tenha participado somente da fase de treinamentos para a Copa do Uruguai.

A desdenha de Mário de Castro criou um clima de furor, perplexidade e interesse em outras praças esportivas. Foi o bastante para ser assediado por um dos clubes tradicionais do Rio de Janeiro, o Fluminense, que ofereceu 100 mil contos de réis de luvas – uma cifra que hoje o colocaria milionário –, além de salários de 1,8 mil contos de réis. Mesmo em tempos de futebol amador, o astro fez contraproposta em tom de ironia: 500 mil réis por gol marcado!!! “É lógico que eles não iriam aceitar, pois eu marcava duas ou três vezes por jogo”, contava, anos mais tarde, às gargalhadas.

**Ah, o trio maldito...** Ao lado de Jairo, também estudante de medicina, e Said, de direito, ele formava o que chamavam de Trio Maldito. Para alguns, os Doutores da Bola. Juntos, assinalaram 459 gols, quarenta deles no Campeonato Mineiro de 1927, cujo título representou o primeiro bicampeonato atleticano.

Uma das últimas vezes em que Mário entrou em campo foi numa partida decisiva contra o Villa Nova, em Nova Lima, em 27 de setembro, rumo ao título de 1931. Um empate daria a taça ao Palestra. Sem treinar havia dois meses, Mário foi procurado pelo desesperado

presidente do clube, Leandro Castilho de Moura Castro, na república em que vivia com outros atletas do Galo. A casa ficava na rua Rio de Janeiro, na área central.

De fraque e cartola, o dirigente bateu à porta e implorou que jogasse. O craque relutou, mas ao fim respondeu positivamente e combinou-se que seria apanhado às 10 horas do domingo. Os homens esperando, e nada de Mário. “Eu tinha esquecido o que combinara”, admitiu, entre risadas, décadas mais tarde. Havia passado por uma missa com a namorada e depois seguido para um bar no Centro, na esquina das ruas Goiás e Bahia. Lá, o jogador bebia e não pagava. “Tomei uns três chopes e umas três cachaças e, quando voltei à república, estavam feito doidos.” O grupo chegou a Nova Lima em cima da hora. “Fui ainda sentindo os efeitos da boemia.”

O desfecho parecia trágico: 1 a 0 para o Villa Nova no primeiro tempo, com Lera. Aos 40, gol de Mário de Castro que entraria para a cota das polêmicas. O árbitro Aquiles Pazzini confirmou, sob protestos dos villa-novenses de que o cronometrista havia assinalado o fim da fase inicial. Porém, aos 7 e aos 15 da etapa final, os anfitriões retomariam a vantagem, com Moore e outra vez Lera. “Eu sacudi a ressaca e parti para cima.” Um gol de Geraldinho e dois de Mário, aos 26 e 30. Virada alvinegra. Ele marcou mais um, aos 32, mas anulado. Garantiu o milagre dos 4 a 3 (oficialmente, o Villa registra 3 a 3) e, contraditoriamente, um problema: como escapar daquela torcida furiosa? “Só tinha uma saída, que era chutar a bola para o mato e tentar chegar ao vestiário. E foi o que eu fiz.” Como era uma pelota em jogo, enquanto paravam para resgatá-la ele foi fugindo de fininho. Uma multidão invadiu o gramado para destilar seu ódio contra os visitantes. Armado, o diretor Otávio Santiago impediu uma tragédia, ainda que tenha baleado um torcedor.

**O adeus.** Era a glória. Era também, para choque de todos, a despedida. Suas chuteiras, camisa e meções ficaram com o amigo Auro Renault, no vestiário. “É um presente para você. Eu nunca mais